

MARILISA GERMANO BORTOLIN
PROCURADORA DE JUSTIÇA APOSENTADA
INGRESSO MPSP: 13/01/1976 E SAÍDA 19/03/2011

INICIO DA CARREIRA

Ingressei em janeiro de 1976, o procurador-geral era o doutor Gilberto Quintanilha Ribeiro. Fui à única mulher do meu concurso. Fomos aprovados em 34, e, eu em quarto lugar.

PROMOTORA SUBSTITUTA

Fui como promotora substituta para Catanduva. Convocada para Monte Aprazível sendo titular em Andeara, depois fui para Pirajuí e vim como auxiliar na capital, em 1979, para a Curadoria Fiscal de Massas Falidas. Acabei me tornando a sexta curadora fiscal, trabalhando perante as varas cíveis 16^a, 17^a e 21^a varas. Fiquei na procuradoria de Massas Falidas por dez anos, acabei me tornando titular e fui promovido à procuradoria de justiça em 1989. A minha predileção, prioridade, seria trabalhar em falências, mas, acabei caindo na área criminal, por onde fiquei até a minha aposentadoria em 19 de março de 2011.

COMARCAS

A primeira comarca foi em Andeara, uma comarca de SP muito longe, 80 km de São José do Rio Preto. Lá, eu assumi, fiquei pouco tempo e fui convocada para Monte Aprazível. Gostei das duas comarcas. Monte Aprazível já na segunda entrância.

Tanto em Andeara quanto Monte Aprazível, que era muito respeitada, deixei muitos amigos, tive ótimo relacionamento com juízes e com cartório. O povo me procurava muito, eu gosto desse relacionamento assistencial. Aonde eu ia eu levava os seguidores. Fui para Catanduva, Andeara, Monte Aprazível, eu levei todo o pessoal. Quando eu mudei de região para a segunda entrância, aí o pessoal me procurava, mas eu não tinha mais competência para trabalhar naquela região.

De Andeara eu fui promovida para Piraju, perto de Bauru. Pirajuí, na minha ocasião, foi inaugurada uma penitenciária pelo Secretário da Justiça, Emanuel Pedro Pimentel, e, Pirajuí era um lugar bom, uma cidade pacata boa, mas, começou a vir toda esta população carcerária pra lá. Também me dei muito

bem com o juiz e com o delegado. Lá, tinha muito problema com droga. Estes detentos da penitenciária que já começavam a criar problemas. Foi uma comarca bem trabalhosa. E lá fiz alguns juris.

De segunda entrância eu vim como auxiliar da capital como terceira entrância e depois fui promovida promotora de Justiça especial, removida para o cargo de curadora especial de massas falidas e, em 1989 é que eu fui promovida para a segunda instância, onde eu fiquei por mais de 20 anos.

APMP: O que mais marcou a primeira instância?

Eu sempre fui apaixonada pela minha carreira. Acho que eu nasci para ser promotora. Depois de 43 anos de serviço público e 35 de MP quando eu me aposentei, eu estava com a cabeça como se eu estivesse começando. Eu vivi uma lua de mel com o MP todos esses anos. Enfrentamos as adversidades, tudo o que acontece, mas, sempre enfrentei com bom humor e bons pensamentos.

APMP: Como foram as atividades da segunda instância?

Durante todo o período de procuradoria integrei o Órgão Especial do Colégio de Procuradores por cinco vezes. Numa das vezes fui à primeira colocada em votos, até que cheguei como membro nato do Órgão Especial. Fiz parte do Conselho Superior do Ministério Público, nos anos de 2000 e 2001, ocasião em que presidi, por impedimento do PGJ da época, doutor Filomeno, dois concursos de ingresso ao MP. No segundo concurso que eu presidi, tive o prazer de trabalhar com a doutora Cyrdêmia da Gama Botto. Deixei como integrantes do Ministério Público, nestas duas bancas, cerca de 140 promotores de Justiça.

APMP: a senhora participava das questões políticas do MP

Na segunda instância, eu praticamente consegui participar de tudo. Fiz Câmara, no Tribunal de Alçada Criminal, depois continuei no TJ, por mais de 20 anos. De imediato, já da minha promoção, em seguida fiz o meu primeiro mandato no Órgão Especial, depois no longo dos anos com aquele descanso, sempre de uma eleição, então eu acabei cumprindo cinco mandatos de Órgão Especial. Indicada pelo OE eu fui eleita para o Conselho Superior do Ministério Público. Fui eleita. Aceitei e presidi os concursos. Eu como representante do OE e a pessoa que ficou no impedimento para o concurso, doutor Fenômeno.

Há muito trabalho, há trabalho exaustivo para ser feito em ambas. É mais a questão da pessoa se dispor a realizá-los a enfrentar. Tem que deixar a família

um pouco de lado. Todas às vezes que eu estive no OE eu sempre participei de comissões. E quando, já de membro nato, no final, eu fazia parte de uma comissão que ouvia os promotores com problemas na corregedoria, lá, atuei em torno de dois anos.

O Órgão Especial também foi sofrendo uma evolução, é que onde eu mais fiz parte. Ele era um Órgão como o próprio país, no sentido de ditadura, mais contido em palavras, só que agora com toda esta liberdade também aconteceu isso aqui dentro do OE, um lugar de debates e brigas intensas.

APMP: e o cenário político externo?

Nós passamos por muitas coisas externamente. Eu ingressei no MP era ditadura. Depois é que se passou para uma democracia. Mas, o MP sempre tido como uma última trincheira, sempre foi o muro que todo mundo se lamentava e conseguia direitos.

APMP: Como foi a aproximação da aposentadoria?

Para mim não foi boa. Eu me afastei por motivos familiares. Não tinha intenção de me aposentar. Mas, diante do quadro daquela ocasião eu não tinha como não me aposentar.